MUSEU FREI GALVÃO
ARQUIVO MEMÓRIA DE GUARATINGUETÁ
CENTRO SOCIAL DE GUARATINGUETÁ
Praça Conselheiro Rodrigues Alves - nº 48 - 2º andar

2000 **nº 209**

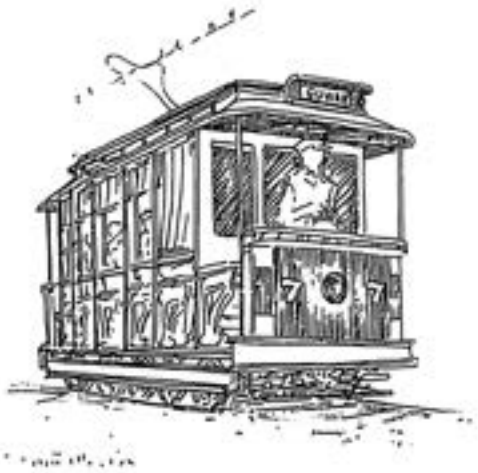
NOSSOS BONDES

Os Primeiros

Os "bondinhos puxados a burro", ligando o Largo do Rosário (Pç. Conselheiro Rodrigues Alves) ao bairro do Pedregulho, fizeram sua viagem inaugural no dia 26 de dezembro de 1898, com a presença, no Largo, das autoridades locais, entre elas o presidente da Companhia Ferro Carril de Guaratinguetá Dr. Francisco de Paula Oliveira Borges, filho do Visconde de Guaratinguetá; de João Augusto de Sousa Arantes, gerente da Companhia; de Afonso Gaia de Oliveira, Intendente Municipal; do Cel. Virgílio Rodrigues Alves, presidente da Câmara Municipal; dos vereadores: Cel. Antônio Marcondes de Moura, Tenente Domingos José de Andrade, Major Francisco Moreira de Sousa; do Dr. José Antônio Teixeira Machado...

O jornal O Estado de São Paulo já havia publicado em edital referente à cidade de Guaratinguetá, datado de 24/5/1898, que "dentro de poucos dias começarão nesta cidade os trabalhos de assentamento dos trilhos de nova linha de bonds"...

Os bondinhos de tração animal, conforme depoimento do Sr. Antenor Magalhães, saiam da "cocheira do bonde" na rua do cemitério (atual rua Caramurus) no bairro do Pedregulho, onde, no campo ao lado, havia o revezamento dos animais. Percorriam a Avenida do Pedregulho (atual Av. João Pessoa) com parada em frente à chácara do Comendador Antônio Rodrigues Alves "caso houvesse uma pequena bandeira fixada no portão", segundo declaração de uma de suas bisnetas. Depois os bondinhos atravessavam a ponte de ferro sobre o rio Paraíba, subiam a rua do Porto (atual rua Com. Rodrigues Alves), davam uma volta no Largo do Rosário. Paravam ao lado da igreja de Nossa Sra. do Rosário (onde hoje está a Padaria N.Sra. do Rosário). Era ali o ponto inicial dos moradores do centro da cidade. Desciam a rua Nova (atual rua José Bonifácio) e retornavam ao Pedregulho, com partidas de hora em hora, das 7 da manhã às 9 da noite. Ou de 15 em 15 minutos, quando partiam lotadíssimos nos dias em que havia corridas de cavalo no Derby Club ou retreta no Jardim Público do Pedregulho, local onde se ergue a Casa Puríssimo Coração de Maria.



Comandavam os bondes o cocheiro Cândido e o cobrador Seabra ao preço de 200 réis a volta total ou 100 réis, somente no Pedregulho.

No ano de 1914, com a venda da Companhia Ferro Carril de Guaratinguetá e conseqüente retirada dos 2.200 m. de trilhos pelo Sr. Arthur Cesaroni, por ata da Câmara de 23/7/1914 "os bens da Companhia FerroCarril de Guaratinguetá foram vendidos em hasta pública,

revertendo o apurado para as obras do Asilo e para os possuidores das ações, não doadas, da Companhia".

Os Elétricos

Nesse ano, 1914, graças ao dinamismo da diretoria da Companhia Luz e Força de Guaratinguetá, explodiu na cidade a alegria dos bondes elétricos ligando o centro antigo da cidade ao seu bairro mais populoso: Aparecida.

Desde a inauguração da iluminação elétrica na cidade, em 2/2/1905, que a responsável pelo pioneirismo desse evento, a Companhia Luz e Força de Guaratinguetá fizera constar nos seus estatutos o privilégio concedido pela Câmara através da Lei nº 183 de 21/12/1903: "a construção e tráfego dentro da cidade de Guaratinguetá e arrabaldes, de 19 km de linhas para bondes elétricos".

A Cia. Luz e Força era formada por um grupo de capitalistas detentores de 2.600 ações. Entre eles havia alguns acionistas da extinta Companhia Ferro Carril, como o Dr. Francisco de Paula Oliveira Borges, Joaquim Soares Fagundes, e, entre outros, João Baptista Rangel, Domingos Moraes Filho, Antonio Rodrigues Alves.

Foi com a chegada da iluminação elétrica a Aparecida em 1/12/1912, que foram ultimados os preparativos para a ligação por bondes elétricos entre Guaratinguetá e Aparecida, tendo como técnico responsável o engenheiro eletricista Guilherme Gustavo Stiebler. Foi construída uma Estação de Bondes na rua Com. João Galvão, ainda hoje propriedade da Eletropaulo, atual Bandeirante Energia S. A..

No dia 7 de março de 1914, sábado, com a presença de autoridades municipais, representantes do Governo do Estado, da Imprensa falada e escrita, do clero, do povo em geral, após os discursos protocolares, espocar de fogos, salva de palmas, benção do primeiro bonde pelo Vigário da Paróquia Monsenhor João Filippo, alcolitado por Frei Nicolau, foi inaugurada a linha de bondes elétricos entre Guaratinguetá e Aparecida.

Duas fotografias do dia da inauguração, acervo do Museu Frei Galvão, de Guaratinguetá, apresentam, em uma delas, as autoridades presentes à inauguração. Entre elas Pedro Marcondes Leite - Prefeito municipal, Com. Antônio Rodrigues Alves, Cap. Henrique Gomes Fonseca, Dr. Francisco de Oliveira Couto Rabelo, Aristides Pereira de Andrade, José Ferreira Vianna... Em outra, um grupo de jovens da sociedade local, filhas de acionistas da Companhia Luz e Força: Elvira, Dulce, Judith e Pequetita Carneiro, Filhinha, Nenê, Maria Fagundes, ao lado do primeiro bonde. Monsenhor João Filippo e Frei Nicolau dando a benção. Folhas de palmeira ornamentam o galpão da Estação e curiosos apreciam a saída dos bondes...

Por todo o trajeto, as famílias postavam-se às janelas, em maior número na Praça 13 de Maio (atual Cons. Rodrigues Alves) saudando os carros elétricos, vencedores em velocidade e número de passageiros dos antigos troles e tílburis.

O primeiro bonde seguiria o mesmo trajeto percorrido pelos demais bondes até o ano de 1939: rua Major Martiniano, Com. João Galvão, Com. Rodrigues Alves, Pça. Conselheiro Rodrigues Alves, rua Dr. Moraes Filho, Pedro Marcondes, Largo da Matriz, Cel. Virgílio, Visconde de Guaratinguetá, Siqueira Campos. Quase meia légua depois, chegada a Aparecida entrando pela av. Zezé Valadão, rua Barão do Rio Branco, Pça. São Benedito, rua Oliveira Braga, travessa 17 de Dezembro, Pça. N.Sra. Aparecida.

Após a enchente do ribeirão dos Motas que destruiu a ponte da rua Visconde de Guaratinguetá, no ano de 1939, os bondes em Guaratinguetá deixaram de passar pela Pça. Conselheiro Rodrigues Alves. Seguiam diretamente da rua Major Martiniano, passando pela Cel. Virgílio, Visconde, Siqueira Campos...

Eram em número de dez os carros elétricos. Circulavam com intervalos de 15 ou 30 minutos, conforme o número de veículos necessários para o dia. Os primeiros bondes não possuíam vidro dianteiro, obrigando os motorneiros ao uso de capas contra o sol e chuva. Os bancos reversíveis dispensavam o veículo de dar uma volta no final do trajeto, retornando em sentido contrário.

Três grandes desvios permitiam a circulação de mais de um bonde: o primeiro, entre Guaratinguetá e Aparecida, próximo à atual garagem da Pássaro Marrom; o segundo em frente à Santa Casa de Aparecida e o terceiro na rua Zezé Valadão, já em Aparecida.

As Memórias

Os bondes, desde a sua inauguração festiva até sua última viagem, foram os responsáveis pelos passeios de romeiros que estendiam suas peregrinações até Guaratinguetá, por encontros e desencontros, compromissos sociais, profissionais, religiosos, e até amorosos, unindo as duas cidades, no decorrer de quatro décadas.

Inesquecíveis foram para os estudantes de Aparecida, as viagens diárias para a Escola Normal e a descida alegre e ruidosa, em frente ao majestoso educandário em Guaratinguetá.

Antigos passageiros ainda se recordam das jovens que diariamente, assistiam a passagem do bonde, das janelas de suas casas. Um fato, ficou marcado nessas memórias: "na esquina da ladeira da rua Visconde, com a rua Prudente de Moraes, em residência já desaparecida, jovens de tradicional família guaratinguetaense, apareciam nas janelas da casa, sempre muito elegantes. Nas tardes quentes de verão, caprichavam nas vistosas blusas de cambraia bordada... Entretanto, um espelho indiscreto, na parede do fundo da sala, refletia as peças íntimas das jovens, desprovidas das pesadas saias, dispensadas pelo forte calor..."

Histórias de assombrações percorriam os trilhos dos Bondes entre Aparecida e Guaratinguetá. Quando o último bonde da noite passava pela região do Morro Vermelho onde, segundo a lenda, um escravo matara um Alferes e seus tropeiros para se apoderar de um carregamento de ouro, a trepidação do bonde era tanta que os passageiros sonolentos despertavam atônitos...

Era voz corrente que, em certas sextas-feiras, quando o bonde das 11 horas da noite entrava na rua Visconde, vindo de Aparecida, e um estranho passageiro subia no estribo, um peso descomunal fazia o bonde se arrastar pelos trilhos, somente readquirindo a marcha normal quando o misterioso indivíduo desaparecia do bonde, como por encanto, na altura da rua do Cemitério dos Passos (rua Cel. Pires Barbosa) em Guaratinguetá.

Fatos inesperados também ocorriam:

"Certa vez, em Aparecida, descia o bonde da Igreja de São Benedito e adentrava a rua Barão do Rio Branco, ainda sem calçamento, quando um determinado passageiro resolveu saltar do veículo em movimento. O passageiro saltou, caiu, rolou e se encheu de pó. O público presente não conteve o riso. O passageiro levantou-se, bateu o pó, olhou para os presentes exclamando indignado: - cada um desce do jeito que sabe - e retirou-se".

Os bondes também estavam presentes em descrições literárias, escritas por seus muitos admiradores. Segundo uma crônica publicada no jornal "Mestre e Escola", de Aparecida "era fascinante, durante as noites ver os bondes iluminados cortarem com seus chiados característicos as ruas da pacata, porém, atraente Aparecida do passado".

Igualmente fascinantes eram as viagens à luz do sol, registradas em publicações de outras cidades, exaltando a paisagem magnífica do caminho entre Guaratinguetá e Aparecida, "enfeitado de suinã pintando de vermelho o verde da folhagem e de frondosas mangueiras das chácaras que margeavam o trajeto". Uma viagem de turismo e lazer, hoje negada às novas gerações...

Os Anos Finais

No ano de 1927, quando os bondes estavam em pleno apogeu de suas viagens, as 3.750 ações da Companhia Luz e Força de Guaratinguetá foram vendidas à São Paulo Light and Power, na base de 700 mil réis a unidade. Uma quantia irrisória para a época, conforme se deduz de uma observação contida no jornal "O Pharol", de 25 de maio de 1927: "A Companhia Luz e Força de Guaratinguetá foi vendida à Companhia São Paulo Light and Power. Pêsames aos acionistas e parabéns à São Paulo Light and Power."

Em 1951, motivos políticos e econômicos forçaram a venda dos bondes à Empresa de Ônibus Jacobelli e Cia. Os velhos bondes começaram então a enfrentar a difícil e desleal concorrência da poluição dos ônibus e automóveis... A 1º de maio de 1955 foi realizada sua última viagem.

Em 1956 os bondes encerraram definitivamente suas atividades, com a retirada e venda de seus trilhos, perdendo Guaratinguetá essa importante e útil atração que a destacava entre outras cidades. O mesmo não aconteceu com Santos que, consciente desse valor, resgatou recentemente seus bondes, com objetivos turísticos e culturais, tornando-se ainda "a segunda cidade da América Latina a contar com o sistema original de bondes elétricos", exatamente iguais aos que ligaram entre os anos de 1914 e 1955, as cidades de Guaratinguetá e Aparecida.

Guaratinguetá, 20 de junho de 2000.

Maria Isbella Maia Fabiano.

Fontes de Consulta

- Arquivo Memória de Guaratinguetá, do Museu Frei Galvão.
- Jornal Mestre e Escola. Aparecida, julho e agosto de 1998.
- Processo Civil - Cartório 1º Ofício - Cx 170 - 1952.
- Oliveira, Cida - Bondes voltam às ruas de Santos em setembro. In O Estado de São Paulo, 6/8/2000.
- Depoimentos orais de Regina Morais Gonçalves Fonseca, Maria Virgília Maia Fortes, Maria Aparecida Pasin de Paula Santos, Antenor Magalhães, entre outros.

Nota do Museu - A monografia acima é uma síntese da pesquisa **"Há 45 anos Guaratinguetá perdia a alegria dos bondes"**, da mesma autora. O texto poderá ser consultado no Arquivo Memória de Guaratinguetá, do Museu Frei Galvão.